

TECNOBIOGRAFIA: história de práticas sociais da linguagem mediadas por tecnologias

Meu nome é Luciana de Jesus Lessa Censi, tenho 36 anos e moro em Feira de Santana - Bahia. Sou casada e mãe de um adolescente. Graduei em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado da Bahia, em 2006. Em 2017, na mesma universidade, concluí mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação. Em 2018, iniciei doutorado em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Sou professora da educação básica na rede estadual de ensino há treze anos.

Depois dessa apresentação pessoal, explicarei como tenho vivido e experimentado (ou não) a tecnologia, refiro-me às tecnologias digitais, desde a infância até o momento, um percurso marcado por mudanças nas relações que estabeleço com a tecnologia para uso pessoal e, acima de tudo, profissional.

Lembro-me que durante a infância, não tive contato com tecnologias digitais. As memórias que guardo revelam que, algumas vezes, vi alguém na rua usando um celular. A ideia que tinha, todas as vezes em que isso acontecia, era justamente de que se tratava de uma pessoa rica pra ter aquele dispositivo em mãos, visto que, nem o telefone fixo tinha se tornado popular naquela época. Dentre meus vizinhos, lembro-me de apenas um deles cujas condições financeiras permitiam ter uma linha de telefone fixo em funcionamento.

Enquanto cursava o ensino médio, tive meus primeiros contatos visuais, à distância, com um computador. Entretanto, somente mais tarde, quando estava na graduação, iniciei um curso de informática que contemplava o uso de programas como Word, Power Point e Excel. Na universidade, havia uma sala com computadores, o chamado laboratório de informática, onde podíamos reservar horários para usar uma das máquinas. Naquela ocasião, tive as primeiras experiências de uso do e-mail (à propósito, minha primeira conta foi criada no BOL) e navegação na Internet para pesquisas.

Mais adiante, ainda durante a graduação e estimulada pela necessidade de realizar pesquisas e trabalhos, comprei meu primeiro computador *desktop* e instalei uma rede de internet em casa. Tudo isso em parceria financeira com minha irmã. Seguidamente, comprei uma impressora e, daí por diante, meu

entrosamento com o computador foi aumentando: das pesquisas, passei a confeccionar e imprimir cartazes para uso pessoal, familiar e de amigos.

O primeiro celular que tive foi um de meus presentes de casamento. Não era um *smartphone*, mas um aparelho simples. Entretanto, foi um aparelho com o qual realizei e recebi inúmeras ligações, além de tirar fotos, mesmo com a baixa resolução da câmera – em resumo, um dispositivo de grande durabilidade. Até hoje, guardo fotos e vídeos de poses e gracinhas de meu filho ainda bem pequeno registradas com esse celular.

Minha primeira conta em uma rede social foi no Facebook, embora nunca tenha gostado de fazer muitas postagens e interagir intensamente com as postagens alheias. Gosto de curtir, compartilhar, mas sou de poucos comentários nas redes sociais. Apesar de manter um perfil no Facebook e também no Instagram, restrinjo-me a postagens de natureza profissional e, às vezes, algo de cunho espiritual. Na verdade, não gosto de expor minha vida pessoal com fotos de família em redes sociais. Algo que não me agrada também nas redes sociais é a quantidade de propagandas publicitárias que invadem o perfil quando o acessamos, além das discussões que chegam a ser ofensivas e desrespeitosas em torno de temas polêmicos, como política partidária e homossexualidade.

Ao longo do tempo, minha relação com as redes sociais tem se fortalecido mais por conta de meus interesses como estudante e professora, principalmente para me informar sobre eventos e publicações concernentes à área de educação em língua inglesa. Mantenho o viés profissional nas postagens e a intenção de criar redes em prol da educação, especialmente no que diz respeito à língua inglesa na escola pública. Todavia, nunca experimentei usar as redes sociais no ensino dessa língua.

Retornando à retrospectiva, demorou um pouco até que eu tivesse condições financeiras para comprar um *smartphone*. Quando isso aconteceu, praticamente meu filho passou a explorar muito os recursos do aparelho e quando eu estava em casa, o celular se tornava propriedade dele. Desde a infância à adolescência, meu filho continua a lidar muito melhor do que eu com as tecnologias digitais. É ele quem me socorre e tira minhas dúvidas quando os imprevistos técnicos acontecem nos usos que faço das tecnologias digitais. Hoje, confesso que mais importante que as ligações, meu *smartphone*

desempenha um papel ímpar na minha vida profissional: resolvo muitas questões através da plataforma virtual *WhatsApp* e organizo meus compromissos no Google Agenda. Participo de vários grupos no *WhatsApp*: dois grupos de cada uma das escolas em que trabalho; dois grupos da universidade; um grupo do prédio em que moro; dois grupos da Igreja que frequento; um grupo da escola de meu filho e alguns outros de natureza “mais leve” com amigos. Por isso, tecnologias digitais pra mim, muitas vezes, representam trabalho e demandas a resolver. Apesar de facilitarem bastante a resolução de muitas situações diárias, superando distâncias e fronteiras, colocando-se como extensões de nossos corpos e nos ajudando a organizar processos, dinâmicas e rotinas, por exemplo. Vejo que essas tecnologias digitais são como moedas com duas faces e diferentes perspectivas que podem nos beneficiar e nos prejudicar a depender de como os usos delas acontecem.

Depois do computador *desktop*, já tive vários computadores portáteis, os chamados *notebooks*. Trabalho em duas escolas e ainda estudo na universidade. Minha vida profissional e acadêmica se encontra armazenada parte em nuvens e parte no meu *notebook*. Seria bem difícil prosseguir no ritmo de minhas realizações profissionais e estudantis sem as tecnologias digitais. Admito que, por ora e neste aspecto, elas são uma extensão de mim. Ademais, novamente reafirmo que existem dias em que não quero me aproximar do celular, do *notebook*. Nesses dias, entrego-me totalmente para as interações físicas. Do mesmo modo que um simples clique me ajuda a resolver muitas questões, um clique para desconectar, algumas vezes, traz-me leveza e parece tirar um pedaço do mundo dos meus ombros. Normalmente, elego o domingo para me distanciar das tecnologias digitais. Isso porque acredito que elas podem nos dar muito, mas também podem nos tirar, tirar a liberdade e nos aprisionar em relações exclusivas com elas e por meio delas. Penso que tecnologias digitais podem ao mesmo tempo nos aproximar e nos distanciar das pessoas e do mundo.

Tenho um interesse bem particular quanto ao uso das tecnologias digitais que foi despertado por conta de minha atuação na docência. Entendo que tudo é tecnologia, considerando leituras que já fiz. Mas as tecnologias digitais estão em sua efervescência contemporânea presentes em todo e

qualquer lugar (ou quase isso). Esse interesse diz respeito à compreensão das relações que meus estudantes estabelecem com as tecnologias digitais, dada a invasão de celulares e *tablets* nas minhas aulas e pelos corredores da escola. Por isso, persegue-me o intuito de saber o que essas tecnologias podem agregar ao ensino do componente curricular que leciono, a língua inglesa. Tenho experimentado tecnologias digitais e seus recursos nas minhas aulas de inglês. Dada a falta de equipamentos tecnológicos nas minhas escolas, o celular tem se tornado um grande aliado. Em 2017, busquei e alcancei a oportunidade de realizar uma pesquisa de mestrado, na qual investiguei como alguns de meus estudantes viam (e se viam) possibilidades para usarmos aplicativos móveis para aprender inglês, ou seja, inseri-los as nossas aulas. Não satisfeita, atualmente, no doutorado, pesquiso como se dão efetivamente os usos desses aplicativos móveis, sob a perspectiva do professor e dos estudantes, quando atrelados à prática pedagógica.

Em se tratando da pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020, pergunto-me o que seria de mim na tentativa de manter os vínculos com meus estudantes, com a universidade e outros vínculos sociais sem as tecnologias digitais e a internet. O que seria do mundo? Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais se apresentam para minimizar os efeitos do distanciamento social em tempos pandêmicos, vejo com tristeza questões de exclusão ao acesso a tais tecnologias e a falta de conectividade que sobressaem, especialmente, no que diz respeito aos nossos estudantes da escola pública.

Neste sentido, as tecnologias digitais têm desempenhado um papel cada vez mais relevante na minha vida. Ainda tenho alguns receios e desconfianças em alguns usos, por exemplo, quanto às transações bancárias e compras pela internet. Ouso dizer que sobreviveria mais sem tecnologias digitais na minha vida pessoal do que na esfera profissional. Reconheço que essas tecnologias são produtos culturais e não há mais como viver sem elas. Seria em termos do que podemos fazer com elas, um grande retrocesso. Portanto, inimaginável.